

Introdução

Este trabalho tem o propósito de abordar a questão das instâncias ideais na constituição da subjetividade. Acreditamos que a construção destas instâncias está diretamente relacionada aos modelos de organização psíquica. Pretendemos nos limitar ao estudo da histeria e da melancolia, no que a diferenciação entre estas formas de subjetividade podem contribuir para o assunto¹.

O primeiro capítulo será dedicado ao estudo do Narcisismo e da passagem ao Complexo de Édipo. Sendo assim, discutiremos a assunção do Ideal do Eu.

Vale ressaltar que pretendemos fazer uma leitura do texto freudiano de 1914 _ “*Sobre o Narcisismo : uma introdução*”_ dando ênfase à dimensão da constituição da subjetividade como uma invenção de dois adultos. Neste sentido, abordaremos o Complexo de Édipo como o que vem abalar o narcisismo infantil, visto que a criança deixa de ser objeto de completude da mãe fálica para ser um dos objetos da mãe castrada. Desta forma, frente a tal colapso narcisista, destaca-se a possibilidade, ou mesmo a *necessidade*, da construção do Ideal do Eu.

O segundo capítulo visa um melhor entendimento do conceito de identificação em Freud e diferencia os modelos de identificação da histeria e da melancolia, priorizando as especificidades desta última. Entendemos que o modelo de identificação proposto por Freud em 1917 é totalmente diverso do

¹ Esta monografia é fruto do meu trabalho_ como bolsista de iniciação científica_ no projeto “A metapsicologia da melancolia e suas relações com as patologias narcísicas e os grandes somatizadores”, orientado pela prof. Maria Teresa da Silveira Pinheiro.

modelo identificatório da histeria e aponta para um outro tipo de organização psíquica.

O terceiro capítulo delinea a formação do Supereu, que é um assunto importantíssimo para o estudo da constituição subjetiva, e sua implicação com as instâncias ideais.

Acreditamos poder articular a severidade do Supereu do melancólico à formação de um Ideal do Eu sem possibilidade de sublimação. O Ideal do Eu na melancolia não funciona como promessa de felicidade e o objeto idealizado tem aí consistência concreta.

No quinto e último capítulo, denominado “Instâncias Ideais e Subjetividade”, vemos como a sublimação, a idealização e a constituição subjetiva podem estar articuladas. Sugerimos pensarmos sobre o modelo da melancolia e seu modo de construção fantasmática para podermos relacioná-lo à subjetividade no mundo pós-moderno.

I - De Narciso a Édipo

Pretendemos, neste capítulo, tratar da passagem do Narcisismo ao Complexo de Édipo, no que diz respeito à formação das instâncias ideais. Vale ressaltar que não se trata de estágios de desenvolvimento, mas de construções necessárias para a concepção da constituição do sujeito.

Para construir sua teoria, Freud se utiliza algumas vezes de mitos. Assim foi com o mito de Narciso e de Édipo. Narciso toma a si mesmo como objeto de amor

e, capturado pela própria imagem, morre fascinado, pois, totalmente paralisado, desistiu até dos cuidados com a alimentação . Podemos pensar que Narciso não teve um semelhante que lhe apontasse essa imagem como sua, conferindo-lhe uma unidade e uma diferenciação do mundo externo. Édipo, por sua vez, não escapa de seu “destino” trágico e insiste em conhecer uma verdade que o levou a cegar os próprios olhos. Édipo é aquele que quer tudo saber e, com isso, está fadado ao fracasso. De Narciso a Édipo, o sujeito passa pela ilusão alienante e ao mesmo tempo constituinte da captura da própria imagem, em que é necessário o olhar de um outro que idealize essa imagem. Isso leva o sujeito a uma interrogação sobre a própria identidade e sobre seu desejo, o que abre a possibilidade desse sujeito se reinventar, isto é, apropriar-se a sua maneira do que o outro lhe ofereceu num primeiro momento.

Eu, Corpo e Narcisismo

No texto de 1914, “*Sobre o narcisismo: uma introdução*”, Freud trata da questão do Eu pelo viés do narcisismo. Ele concebe a subjetividade, “Sua majestade o bebê”, como uma invenção² de dois adultos. “*É como se, a partir da invenção do narcisismo _ fruto da projeção do narcisismo dos pais sobre o filho _ fosse criada no sujeito em emergência uma onipotência sem fendas ou falhas.*

² “Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram (...) Sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar (...) A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor(...) A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram.” (Freud, 1996 [1914]:97)

Uma idéia de completude perdida pelos pais e reeditada na criança.” (Pinheiro, 1995:21). Sendo assim, o sujeito tem de se apropriar dessa construção fantasmática _ deste projeto narcísico que já lhe estava endereçado desde antes de seu nascimento _ para se constituir.

Segundo Freud, ainda no mesmo artigo, devemos supor que uma unidade comparável ao Eu não pode existir no indivíduo desde o começo assim como as pulsões auto-eróticas. O Eu, portanto, tem de ser desenvolvido. Mas é necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo a fim de provocar o narcisismo, o que Freud denomina “*uma nova ação psíquica*”.

Lacan (1949) nos apresenta a idéia do estágio do espelho, apontando para a importância do olhar do outro para a constituição do sujeito. Ele destaca que “a assunção jubilatória” da imagem especular do bebê humano parece manifestar uma antecipação, pois este bebê se reconhece como unidade corporal e reconhece o adulto como um semelhante ainda mergulhado na impotência motora.

A propósito, Garcia-Roza (2000) afirma que o Eu do estágio do espelho é concebido como uma organização complexa relacionada a uma imagem corporal que confere uma unidade primeira ao sujeito, que permite a passagem do auto-erotismo ao narcisismo. Porém, essa imagem não é definitiva e, portanto, não permanece sempre idêntica em si mesma. Essa imagem pode ser renovada ou acrescentada de novos traços.

Narcisismo, corpo e Eu são, portanto, conceitos que não podem ser pensados isoladamente. Em “*O Ego e o Id*” (1923), Freud afirma que o Eu é,

acima de tudo, corporal, constituindo-se como a projeção de uma superfície. Além disso, o Eu pode ser descrito como um “precipitado de identificações”.

Acerca da relação entre Eu, corpo e narcisismo, Cunha (1992) ressalta que uma pequena proposição de Freud parece definir de modo surpreendentemente claro o que poderá caracterizar o registro do narcisismo e, por conseguinte, do Eu: o “*si mesmo próprio*”. Aqui, temos a referência a si, ao mesmo e à construção de uma identidade e uma propriedade de si permanente. Ou seja, o Eu também tem uma característica de constância que permite ao sujeito se reconhecer ainda que construído e reconstruído por identificações.

Neste sentido, o corpo toma o lugar do próprio Eu quando a libido se retira do mundo externo. Isso também nos possibilita pensar o Eu de modo mais objetivo como o grupo de representações articuladas entre si que vai dar unidade ao corpo, constituindo, por essa via, uma possibilidade de reconhecimento para o sujeito, ou seja, a sua identidade.

Do Eu Ideal ao Ideal do Eu

De acordo com Maria Rita Kehl (1998), o Eu Ideal seria o Eu do desejo materno, uma imagem ao mesmo tempo alienante e constituinte. Alienante na medida em que vem de fora, oferecida por um outro, que neste momento é a mãe ou quem cuida desse bebê. Mas também é uma imagem constituinte porque o sujeito irá se constituir na tentativa de ser “aquela imagem”.

Como nos sugere Kehl (1998), o espelho é o próprio olhar da mãe que diz: “você é esta para o meu desejo, eu te vejo e te quero assim”. A princípio, a mãe detém o código das insígnias do desejo desse ser em invenção, ou seja, do Eu Ideal.

A autora esclarece que, diante da própria imagem o bebê tenta realizar a síntese entre o corpo perfeito que vê e o corpo desorganizado que experimenta. Porém, esta síntese é realizada de forma inconstante e volta a ocupar esse sujeito pelo resto da vida a cada vez que ele encontra um “espelho” que lhe informa: “é assim que eu te vejo”, provocando novamente a tentativa de integrar o que vem de fora com o que é vivido e de alcançar a imagem idealizada pelo desejo alheio.

A entrada de um terceiro na relação dual mãe-filho, como coloca Kehl (1998), vem libertar a criança da prisão do espelho, da prisão do Eu Ideal. Tal terceiro (chamemos este de pai) informa à criança que o Eu Ideal é construção impossível, pois ela não deterá o desejo da mãe, que é móvel. Mãe e filho, ambos castrados, não se completam. O pai separa a dupla narcisista e deixa a criança diante de sua carência. Porém, em compensação, permite que esse sujeito diversifique suas identificações. A identificação alienante com o desejo materno pode, então, ser substituída por traços de identificações diversas com outros sujeitos.

A libido concentrada na unidade imaginária mãe-bebê começa a se dirigir a outros objetos. Aqui há a passagem da libido do narcisismo primário para a libido objetal.

“A chegada do príncipe (seja ele quem for) com seu beijo amoroso de estrangeiro liberta a Bela Adormecida de seu sono narcisista (...) O príncipe do bebê é uma função paterna. Ele quebra o espelho. Ele beija o bebê e a mãe: seu desejo os separa. Ele se deixa odiar pelo Pequeno Adormecido furioso por ter sido despertado do sonho onde pensava possuir a mãe, mas oferece à criança um novo objeto para o seu amor” (Kehl, 1998:413).

O fim do estágio do espelho é o momento inaugural da passagem pelo Édipo. Sendo assim, é o encontro com a castração. O colapso narcisista sofrido neste momento abre a possibilidade da construção do Ideal do Eu. O Complexo de Édipo pode ser entendido como um momento lógico organizador, que impõe a necessidade da construção do Ideal do Eu a partir da interdição do incesto, que de forma radical aponta para as falhas do Eu Ideal, montado com uma enorme onipotência para fazer frente ao desamparo humano.

Freud (1914) esclarece que o sujeito se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Vale ressaltar que esse momento de satisfação deve ser entendido como um momento mítico, pois o desamparo é uma condição humana desse sujeito imerso na linguagem desde sempre. Como ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância, ao se deparar com seu julgamento crítico e com a própria realidade, procura recuperar tal perfeição sob a forma de um Ideal do Eu. O que é projetado como ideal é um substituto para o narcisismo perdido da infância, quando o sujeito era seu próprio ideal. Portanto, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque.

Podemos dizer que o sujeito se equipa de um arsenal de Eus, as instâncias ideais, que lhe servem como condição mínima para se submeter à castração. O Eu Ideal é *a posteriori* construído imaginariamente a partir da idéia de uma plenitude perdida e o Ideal do Eu assegura justamente essa plenitude a ser recuperada. Portanto, somente o Eu do presente (Eu real), do passado e futuro próximos estariam sob a égide da castração, já que no passado remoto esta era desconhecida e no futuro, será eliminada (cf. Pinheiro, 1995:22).

Garcia-Roza (2000) salienta que o Eu Ideal não é uma fase inicial do Eu, que pode ser superada e substituída por outra, a do Ideal do Eu, que uma vez superada desaparece. O Eu Ideal permanece e é transformado, acrescentado. O Ideal do Eu, por sua vez, inclui algo externo ao sujeito, já que as exigências que ele terá de satisfazer se situam no lugar da lei.

II - Identificação

Laplanche e Pontalis (1992), no “*Vocabulário de Psicanálise*”, definem a identificação como o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto ou um atributo do outro, transformando-se total ou parcialmente. Em Freud, a identificação está relacionada ao investimento objetal abandonado.

Pinheiro (1998) ressalta que o conceito de identificação na obra freudiana não é um conceito preciso, unívoco. O termo “identificação” foi empregado por Freud em diversas acepções e obedecendo a diferentes metapsicologias, como ocorre com a identificação narcísica.

Até o artigo *“Luto e Melancolia”* (1917), o conceito de identificação era abordado em função da construção metapsicológica da histeria, ou seja, de acordo com o próprio modo de funcionamento libidinal do aparelho psíquico, no que se refere à produção fastasmática da histeria, na concepção de identificação atrelada à transferência ou na identificação reconhecida nos sonhos ou no chiste. A identificação era constituída de forma a explicitar o funcionamento do aparato, obedecendo à norma principal do narcisismo de tornar semelhantes as diferenças (cf. Pinheiro, 1998).

Em 1917, Freud aborda a identificação na melancolia como uma identificação narcísica. Mas vale ressaltar que, em *“Luto e Melancolia”*, Freud privilegia o viés da patologia. Apenas em *“O Ego e o Id”* (1923), o autor esclarece que a identificação narcísica é constituinte da própria subjetividade³ _ podemos entender que essa identificação originária compõe o Eu Ideal. Portanto, a identificação na melancolia e a identificação originária possuem o mesmo modelo da oralidade, visto que o objeto é totalmente apropriado pelo Eu.

Cunha (1992) bem nos lembra que na passagem entre a histeria e a melancolia, a identificação dá em verdade o seu grande salto, pois foi a partir da investigação da melancolia que Freud estabeleceu os primeiros pontos de apoio

³ “Alcançamos sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia supondo [naqueles que dele sofrem] que um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação. Nessa ocasião, contudo, não apreciamos a significação plena desse processo e não sabíamos quão comum e típico ele é. Desde então, viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’. A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra” (Freud, 1996 [1923]:41/42).

para uma concepção da identificação como fenômeno fundamental na constituição da subjetividade.

Em “*Psicologia de Grupo e a Análise do Eu*” (1921), Freud nos permite pensar que a vida anímica de cada sujeito é inseparável da sua inserção na comunidade humana. O indivíduo é constituído pela sua relação com o (s) outro (s) e isso é um processo constante se entendemos o Eu pelo seu caráter identificatório. Logo, a identificação opera como um modo fundamental e originário de ligação entre os sujeitos.

No capítulo VII do texto de 1921, “*Identificação*”, Freud afirma que a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa _ porém, ambivalente desde o início _ e desempenha um papel importante na história primitiva do Complexo de Édipo.

Freud coloca que o menino toma o pai como seu ideal. Ao mesmo tempo que se identifica com esse pai, desenvolve uma catexia de objeto de acordo com o tipo anaclítico⁴ em relação à mãe. O menino nota que o pai se coloca em seu caminho no que diz respeito ao seu investimento na mãe e passa a rivalizar com o pai. O que permite ao menino uma saída do Édipo é a ameaça da castração. Daí, resta ao menino se identificar com o pai para poder conquistar outras mulheres no futuro. Já a menina, esta entra no Édipo ao se perceber castrada. “Traída” pela mãe igualmente castrada, busca o pai como objeto de seu amor, mas teria de rivalizar com a mãe, numa disputa perdida *a priori*. Como a menina não pode se

⁴ Ver Freud (1914) - “*Sobre o narcisismo: uma introdução*”, “**Sigmund Freud Obras Completas**”, Rio de Janeiro, Imago, Vol 14. 1996.

identificar com esse pai na sua condição de castrada, ela tem que se identificar com essa mãe, com quem aprenderá os truques da feminilidade para conquistar um outro homem no lugar do pai⁵.

Enfatizamos que, segundo Freud, onde há recalque e os mecanismos do inconsciente são dominantes (condições em que os sintomas são construídos), a escolha de objeto pode retroagir para a identificação e o Eu assumir as características do objeto. Freud também destaca que a identificação por meio do sintoma torna-se o sinal de um ponto de coincidência entre dois Eus que tem de ser mantido recalçado.

Modelos de Identificação e Melancolia

Na obra de Freud, podemos reconhecer dois tipos de identificação: histérica e narcísica. No “caso Dora”⁶, de 1905, encontramos um bom exemplo de identificação histérica, na medida em que Dora se apropria de traços do outro, como a tosse do pai, o que leva Freud a inferir que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto. Mas acima de tudo, Dora interpreta o outro e é capaz de se colocar em outro lugar. Em sua fantasia histérica, ela rivaliza com a Sra K e se imagina em seu lugar enquanto desejada pelo pai. Esse modo de identificação

⁵ O Complexo de Édipo pode ser entendido de forma bem mais complexa se levarmos em conta o que Freud denominou “Édipo invertido” e se abordarmos a questão da feminilidade. Porém, como não cabe aqui fazer um trabalho exaustivo sobre o Complexo de Édipo, optamos por falar deste de forma mais esquemática.

⁶ FREUD, S. (1905) – “Fragmento da Análise de um Caso de Histeria”, “**Sigmund Freud Obras Completas**”, Rio de Janeiro, Imago, Vol 7. 1996.

e de articulação fantasmática é totalmente diverso da narcísica, que pressupõe uma apropriação mimética do objeto. O objeto é tomado como um todo, como Freud descreve no texto de 1917, "*Luto e Melancolia*". Enquanto a identificação histérica nos lembra o mecanismo de funcionamento do sistema inconsciente da condensação, já que o sujeito é capaz de eleger um traço do objeto a partir de sua própria interpretação desse objeto, a identificação narcísica nos remete ao mecanismo do deslocamento, visto que o objeto é incorporado ao Eu.

Em 1917, Freud afirma que na melancolia existe uma perda em jogo, mas o sujeito não reconhece conscientemente o que perdeu. Por vezes, ele pode até saber quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém. O melancólico se identifica com o objeto perdido e essa perda objetual se transforma numa perda do Eu. Assim, esse sujeito tem sua auto-estima bastante diminuída, já que as muitas auto-recriminações são recriminações feitas ao objeto com o qual o Eu está identificado.

Segundo Cunha (1992), o que marca a melancolia é o fato do Eu se encontrar inibido, diminuído. O Eu, aí ligado ao sentimento de si, fica muito próximo de uma auto-imagem e, por conseguinte, da vivência de uma identidade. E a imagem pela qual o sujeito pode se reconhecer está empobrecida, esvaziada, aviltada.

Para o autor, na melancolia há uma perda, mas uma perda que, de acordo com Freud, pode ser tomada como sendo de "natureza mais ideal". Algo no objeto se produz como uma perda para o Eu, como algo que põe em jogo a imagem de si, e, então, qualquer operação de reconhecimento. O vínculo com

este objeto consta, acima de tudo, de uma tentativa de trazer parte do mundo, o objeto de amor, para o domínio do Eu, de modo a completá-lo, tornando-o uma totalidade absoluta. Assim, no momento em que este objeto deixa de dar ao Eu a possibilidade de uma completude absoluta, ele é perdido, levando consigo qualquer ilusão de completude.

No momento em que o objeto já não garante a satisfação narcísica, ocorre uma perda de natureza ideal, abalando inevitavelmente o vínculo objetal. Assim, a identificação narcísica consistiria num meio de garantir a permanência do vínculo objetal apesar da perda do objeto.

Acreditamos que podemos fazer uma aproximação entre a melancolia e a teoria do trauma de Ferenczi e que isso nos possibilita um maior entendimento da clivagem do Eu no melancólico.

Porém, antes de delinear a teoria do trauma de Ferenczi, achamos conveniente introduzir seu conceito de introjeção. Por introjeção podemos entender a própria forma de funcionamento do aparelho psíquico, que traz embutida em si uma noção de produtos tais como representar, produzir fantasmas e identificações. Ferenczi (1912) descreve a introjeção como a extensão ao mundo externo do interesse pela introdução dos objetos externos na esfera do Eu. Unicamente através dela é que um sentido torna-se passível de ser apropriado, possibilitando a inclusão do sujeito no universo simbólico da subjetividade.

Na construção de sua teoria do trauma, Ferenczi (1933) monta uma cena mítica: a criança seduz um adulto no registro da ternura (“linguagem da ternura”) e o adulto faz uma leitura dessa sedução a partir da “linguagem da paixão”. Ocorre,

então, a violência sexual a partir de uma confusão de línguas. A criança, sem poder dar sentido a isso, procura um outro adulto que possa. Esse adulto a desmente em absoluto e resta à criança se identificar com o agressor, completamente culpado após a violência. E essa identificação tem lugar somente porque a criança não compreende o sentimento de culpa. Portanto, entendemos que Ferenczi considera o desmentido traumático, pois ele impede a introjeção.

Podemos pensar que a identificação com o agressor proposta por Ferenczi não é diferente da identificação proposta por Freud em 1917, no texto *“Luto e Melancolia”* (cf. Pinheiro, 1993). Ambas culminam numa apropriação mimética do objeto, clivando o Eu em dois.

Segundo Lambotte (2000), o melancólico não pôde apreender seus próprios traços num olhar materno benevolente; não pôde entrever através desse olhar a sua própria imagem. “Um olhar perdido definitivamente o banuiu do campo de visibilidade de outrem” (Lambotte, 2000 : 88). Dessa forma, a autora afirma que para o melancólico não há história, ou seja, não há uma marca herdada do narcisismo primário (Eu Ideal). O melancólico sabe sobre a fragilidade de uma identidade adquirida sobre a tolerância de uma ilusão. Sua condição é diferente da do neurótico, que não perde de vista a imagem ideal e percebe a imagem de seu Eu reformar-se constantemente. Por não ter buscado uma imagem à sua semelhança, o melancólico está sempre em via de encontrar uma imagem real e assim podemos compreender seu modo de identificação com o objeto, que é completamente diverso da identificação histórica. O melancólico tende a transformar o outro num suporte identificatório. “Ao roubo de sua imagem, ele

responde pelo roubo da de outrem, a ponto de a ela ligar irredutivelmente sua sorte” (Lambotte, 2000 : 92). Portanto, só resta ao melancólico se apossar de uma imagem e conservar a ilusão de sua identidade sob uma aparência artificial. Nada veio atribuir ao melancólico um espaço de identidade que o faça participar da ilusão social do reconhecimento intersubjetivo; o olhar materno omitiu-se em cumprir sua função de atribuição, a de designar uma imagem e traçar os limites de um campo de ação.

“Por falta de um olhar próximo que lhe teria significado seu contorno, a criança não pôde, naquele estádio do espelho, nem cair na ilusão da semelhança do duplo, nem assumir a verdade do erro. Engolido na falha da identificação originária, o melancólico está condenado ou a errar à margem de seus irmãos ou a agarrar-se a sinais de reconhecimento que ele teria elegido em um deles. Por isso, quando esse referente é levado a desaparecer, o melancólico vê-se remetido ao vazio de sua identidade e ao mero canibalismo arcaico.” (Lambotte, 2000:41).

III - A Formação do Supereu e as Instâncias Ideais

O conceito de identificação, como foi visto no capítulo anterior, é essencial para o entendimento da constituição do Eu. Em “O Ego e o Id” (1923), Freud afirma que se o Eu fosse simplesmente a parte do Id modificada pela influência do sistema perceptivo, o representante na mente do mundo externo real, teríamos um simples estado de coisas a tratar. Mas, segundo Freud, há uma outra

complicação. Então, o autor conclui que as considerações feitas no texto “*Sobre o narcisismo: uma introdução*” (1914) ainda são válidas.

No artigo de 1914, Freud ressalta que não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do Ideal do Eu, comparando o Eu real ao ideal. Para Freud, o Ideal do Eu impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, fazendo com que alguns sejam rejeitados por um censor por serem incompatíveis com o ideal. Porém, Freud ainda supõe que a consciência possuiria as características exigidas para exercer essa função de agente observador. No texto de 1923, Freud coloca que a parte do Eu que exerceria essa função _ nomeada de Supereu_ estaria menos firmemente vinculada à consciência.

Vale ressaltar que ainda em 1923 Freud utiliza os termos “Supereu” e “Ideal do Eu” indiscriminadamente, mas nas “*Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*” (1933) o Supereu torna-se o “portador” do Ideal do Eu, como está sublinhado no verbete “Supereu” no Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (Lemaigre, 1996).

No texto “*O Ego e o Id*” (1923), Freud postula que o Supereu é o herdeiro do Complexo de Édipo e, portanto, o suporte de sua carga libidinal e do complexo de culpa a ele vinculado _ como nos diz Mezan (1998).

Portanto, de acordo com Freud (1923), o amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo Complexo de Édipo pode ser tomada como sendo a formação de um precipitado no Eu. Esta modificação do Eu retém a sua posição especial e se confronta com os outros conteúdos do Eu.

Contudo, como nos diz Freud (1923), o Supereu não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do Id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o Eu não se exaure com o preceito: 'Você deveria ser assim (como o seu pai)'. Ela também compreende a proibição: 'Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.' Esse aspecto duplo deriva do fato de que Supereu tem a missão de recalcar o Complexo de Édipo, o que não é tarefa fácil. Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o Eu infantil fortificou-se para a execução do recalque erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio. Para realizar isso, tomou emprestado, por assim dizer, força ao pai, e este empréstimo constituiu um ato extraordinariamente momentoso. O Supereu retém o caráter do pai e quanto mais poderoso o Complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque, mais severa será posteriormente a dominação do Supereu sobre o Eu, sob a forma de consciência ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. Freud ainda ressalta que o Supereu se manifesta sob a forma de um imperativo categórico e coloca que tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, o Eu se submete ao imperativo categórico de seu Supereu.

A relação do Supereu com o complexo paterno resulta da transformação dos investimentos objetais do Id em identificações (apropriação das catexias objetais abandonadas pelo Id). O Supereu permanece próximo do Id e pode representá-lo perante o Eu. Ele está profundamente mergulhado no Id e se

encontra, por essa razão, mais distante da consciência do que o Eu. Ele revela, assim, toda a violência coercitiva do caos pulsional que é o Id (cf. Lemaigre, 1996).

Freud (1923) esclarece que o Eu é uma parte especialmente diferenciada do Id e forma o Supereu a partir do próprio Id. Sendo assim, a comunicação abundante entre o Supereu e esses impulsos do Ids soluciona o enigma de como é que o próprio Supereu pode, em grande parte, permanecer inconsciente e inacessível ao Eu.

Mas também podemos entender que por meio do Supereu se inscrevem na psique do sujeito as marcas de suas relações objetais, e conseqüentemente as marcas da influência do mundo externo (cf. Lemaigre, 1996).

O Supereu está, portanto, em relação estrutural ligando as diversas instâncias do aparelho psíquico e o mundo externo em face do Eu. O Supereu reúne em si influências que vêm tanto do Id quanto do mundo externo e, de certo modo, é um modelo ideal para aquilo a que visam todas as tendências do Eu, a saber, a reconciliação de suas múltiplas vinculações (cf. Lemaigre, 1996).

No texto *“O Mal-Estar na Civilização”* (1930), Freud relaciona a origem do Supereu ao recalçamento da agressividade. Ele ainda ressalta que, para o Supereu, a intenção vale pelo ato. Sendo assim, o rigor do Supereu tem relação com a própria agressividade. A agressividade vingativa da criança tomará como medida a agressão primitiva que esperava por parte do pai. O Supereu, no texto de 1930, deriva (juntamente com o sentimento de culpa) da dependência do recalque das pulsões agressivas, que nascem do Édipo, tendo em vista que o

impedimento da satisfação erótica acarreta agressividade contra quem impede a satisfação (cf. Lemaigre, 1996).

No artigo de 1930, Freud retoma o texto “*Totem e Tabu*” (1913), tratando o amor como o motor mais profundo da constituição do Supereu, através da identificação com o pai morto, dando a esse agente o poder paterno. Os filhos odiavam o pai, mas também o amavam e uma vez que o ódio foi aplacado pela violência exercida, o amor reapareceu no remorso... Podemos relacionar o assassinio do chefe da horda à origem do Supereu e ao sentimento de culpa. Agressividade e sentimento de culpa como angústia diante da perda do amor do que enuncia a lei e vem em socorro desse humano quando se percebe no abandono e na dependência de outrem. A renúncia às pulsões resultam dessa angústia ante a perda do amor dos que estipulam o bem e o mal. O Supereu fica, desse modo, encarregado de punir o ato de violência e impedir o retorno desse ato. Mas matar o pai ou não, não é decisivo, pois a culpa expressa a ambivalência (cf. Lemaigre, 1996).

No artigo de 1923, Freud admite que, na melancolia, o próprio Eu se abandona porque se sente odiado e perseguido pelo Supereu, ao invés de amado. Para o Eu, portanto, viver significa o mesmo que ser amado _ ser amado pelo Supereu, que aqui, mais uma vez, aparece como representante do Id. Aqui vale lembrar que Freud atribuiu grande importância ao fato do Supereu ser considerado fruto uma primeira identificação do Eu derivada de uma catexia objetal abandonada pelo Id, já que o próprio Eu seria considerado um precipitado de identificações. Desta maneira, o Eu procuraria ser amado se apresentando

identificado ao objeto de amor abandonado pelo Id, ou seja, o Eu se assemelharia ao objeto de amor para compensar a perda do Id e ser amado no lugar do objeto.

Não pretendemos nos deter na problemática do Supereu na melancolia, mas acreditamos que o que destacamos a esse respeito do texto “*O Ego e o Id*” seja de suma importância para a abordagem do tema em questão, visto que poderemos articular no próximo capítulo a severidade do Supereu do melancólico à formação de um Ideal do Eu sem possibilidade de sublimação.

IV – Instâncias Ideais e Subjetividade

Idealização, Sublimação e Melancolia

No texto intitulado “*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*” (1905), Freud lembra que os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de “sublimação”, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Ele acrescenta que o mesmo processo acontece na vida de cada indivíduo e podemos situar seu início no período de latência sexual da infância. As moções sexuais desses anos da infância despertam forças anímicas contrárias, as chamadas moções reativas, e diques psíquicos são erigidos: asco, vergonha e moral.

Em “*Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*” (1910), Freud coloca que a maioria das pessoas conseguiu orientar boa parte das forças

resultantes das pulsões sexuais para a atividade profissional. A pulsão sexual presta-se bem para isso, pois é dotada de uma capacidade de sublimar, ou seja, substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e mais valorizados.

Em *“O Mal-Estar na Civilização”* (1930), Freud propõe algumas técnicas para afastar o sofrimento e uma delas reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos pulsionais de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Trata-se da sublimação das pulsões. Segundo Freud, obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Freud considera tais satisfações ‘mais refinadas e mais altas’. Contudo, ele destaca que a intensidade desse tipo de satisfação se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de impulsos grosseiros e primários, pois a sublimação não convulsiona o nosso ser físico. Sendo assim, o método não proporciona uma proteção completa contra o sofrimento, já que habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo, além de não criar uma “armadura impenetrável” contra as investidas do destino.

Mas talvez possamos dizer que foi nesse texto de 1930 que a sublimação ganhou um estatuto essencial. Freud nos aponta que o homem é um ser desamparado e por isso, gregário. Ele depende dos cuidados e, principalmente, do amor do outro. O amor, inclusive, foi levado em consideração por Freud na

constituição do Supereu. Como foi exposto no capítulo anterior, o amor está relacionado ao sentimento de culpa e este último, ao desenvolvimento da civilização. Como a civilização obedece a um impulso erótico, que visa unir os homens numa massa estreitamente ligada, ela só pode conseguir isso num único meio: reforçando o sentimento de culpa. O que começou com o pai se conclui com a massa. De acordo com Pinheiro (1999), apesar do homem ser gregário, ele possui um equipamento psíquico, pulsional, incompatível com a vida em sociedade. Pulsão de morte, princípio de prazer e egoísmo do narcisismo seriam elementos fatais ao sujeito se este não dispusesse de alguns dispositivos como o recalque e a sublimação. Portanto, a partir da constatação das exigências imediatas do princípio de prazer e da agressividade como o avesso do narcisismo, Freud vislumbra a sublimação como a única saída para a humanidade.

A partir da leitura do texto de Freud de 1921, denominado "*Psicologia de Grupo e a Análise do Eu*", podemos pensar que o que mantém um grupo (em sentido mais amplo) é seu laço de caráter erótico. Como nos diz Cunha (1992), o que está em jogo é, em última instância, o amor, e, por conseguinte, a libido. Há uma dupla ligação libidinal no grupo: entre os membros do grupo e dos membros com o líder. Sendo assim, encontramos aqui a identificação entre pares e a identificação com o líder, quando este é colocado no lugar de Ideal do Eu.

Freud faz a distinção entre a identificação do Eu com um objeto e a substituição do Ideal do Eu por um objeto e encontra uma ilustração interessante em dois grandes grupos artificiais: o exército e a igreja.

Freud, em *“Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”* (1914), afirma que somos naturalmente levados a examinar a relação entre a formação de um ideal e a sublimação. A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no afastamento da pulsão de sua finalidade sexual. A idealização é um processo que diz respeito ao objeto, que é engrandecido e exaltado pelo sujeito. Esta é possível tanto na esfera da libido do Eu quanto na da libido objetal. Portanto, esses dois conceitos devem ser distinguidos, já que a sublimação está relacionada com a pulsão e a idealização remete ao objeto.

Freud nos diz que a formação de um Ideal do Eu é muitas vezes confundida com a sublimação da pulsão e, no entanto, um homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado não foi necessariamente bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais. É verdade que o Ideal do Eu exige tal sublimação, mas ela continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo. Além disso, a formação de um Ideal do Eu aumenta as exigências do Eu, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque, enquanto a sublimação é uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas apenas através de uma substituição da finalidade pulsional.

Pinheiro (1999) nos chama a atenção para o fato de Freud apontar que a questão dos ideais nos obriga a pensar tanto a sublimação quanto a idealização e, ao mesmo tempo, pontuar a distinção entre os dois termos. Se o Ideal do Eu pressupõe o mecanismo de idealização, isto não pode se afirmar com relação à

sublimação. Os mecanismos são independentes e não são necessariamente acoplados.

A autora sugere pensarmos a idealização de objetos que se constituirão como peças fundamentais das instâncias ideais propostas por Freud. A construção dessas instâncias estará sempre necessariamente recheada dos modelos da pré-história do sujeito. Mas Pinheiro (1999) ainda nos alerta que esses modelos, que serão os adultos que se ocupam dessa criança, serão metabolizados no caldo fantasmático de cada um tendo sem dúvida um caráter de imagem. Na idealização encontramos atributos no objeto idealizado que são resultado de uma fantasia capaz, pelo jogo de ocultar e revelar uma imagem, de dar consistência a essa imagem ou não. A diferença entre consistência ou ausência de consistência corresponde aqui à diferença entre uma imagem fixa puramente visual e uma imagem com consistência de atributos. Quando uma imagem não possui consistência, a idealização surge como uma imagem fixa.

Portanto, podemos dizer que as instâncias ideais podem ou não conter ou apontar para a sublimação. E o suporte sublimatório dos ideais dependerá do modelo fantasmático por trás dessa operação. O modelo fantasmático da histeria aponta para o movimento, para o mistério das singularidades e, desta maneira, para a sublimação. Já no modelo da melancolia, a idealização parece dizer respeito a uma imagem parada, sem consistência subjetiva, que não permite a ambigüidade, a polissemia, a dúvida, e não pressupõe um enredo.

O melancólico apresenta-se como um sujeito da consciência (como se não fosse clivado), com um discurso muito lúcido acerca do seu desamparo humano.

O Ideal do Eu _ construção tão necessária para o sujeito lidar com a castração, projetando a completude para o futuro como uma verdadeira promessa de felicidade _ apenas humilha o melancólico, pois o objeto idealizado tem aí consistência concreta sem que haja possibilidade sublimatória (cf. Pinheiro, 1999). Ao Supereu, encarregado de comparar o Eu do presente ao Ideal do Eu, só resta a crueldade...

Na melancolia encontramos também um discurso parnasiano, que é um texto imagético, pretendendo ser unívoco (cf. Pinheiro, 2001). O discurso parece ser fechado, como se houvesse a busca de uma palavra que diga uma verdade única e universal, ou seja, como se o melancólico planejasse um discurso que não permita a polissemia. *“No reinado da percepção, a linguagem não é um instrumento que constrói e transforma o mundo, mas antes o mundo é o equivalente do percebido.”* (Pinheiro, 2001:59)

A relação do melancólico com o tempo pode ser trabalhada na relação de instantaneidade com que esses sujeitos tomam a vida. A ausência de projetos futuros, como se não pudessem se representar no futuro, assim como as lembranças do passado são, quando muito, de uma ou outra cena sem movimento. Aqui existe uma referência ao tempo do presente, que aparece no discurso do melancólico através do relato de sua vida vivida dolorosamente minuto a minuto (cf. Pinheiro, 1995).

No que concerne ao corpo, parece haver uma dificuldade com relação à representação de sua própria imagem corporal. Esta existe, mas é como se não tivesse duração (cf. Pinheiro, 1995). Lambotte (2000) sugere que este corpo é

qualificado de desconhecido, animado por uma vida estranha. Trata-se de uma presença que foge constantemente.

Lambotte (1997) nos diz que o ideal materno, pelo temor que inspira, tende a recobrir a imagem singular do sujeito melancólico, a ponto de que este não possa apropriar-se de seus próprios traços. E fixado ao modelo inacessível do Ideal do Eu, o sujeito não pode avistar o mundo sob o formigamento de suas projeções narcísicas.

A Subjetividade no Mundo Pós-moderno

No item anterior, vimos como a idealização, a sublimação e a constituição subjetiva podem estar articuladas. Priorizamos o modelo da melancolia, principalmente no que diz respeito à fixidez da imagem, do discurso e do tempo, para agora podermos relacionar esse modo de construção fantasmática à subjetividade no mundo pós-moderno.

A psicanálise surgiu no início do século XX, tendo a histeria como ponto central. Podemos dizer que, neste mundo herdado do romantismo, quando a interiorização era privilegiada, localizamos uma cultura “própria para a histeria”. A sociedade era ordenada por hierarquias bastante estabelecidas, referenciais bem determinados, era repleta de tabus diante da sexualidade e a angústia aparecia como mal-estar. Atualmente, a melancolia e a depressão parecem representar melhor o mal-estar de nossa cultura. O mundo mudou e, entre outras coisas, não privilegia tanto a interiorização, mas o autocentramento. Concordamos com

Pinheiro (1999), quando esta afirma que a sociedade pós-moderna _ caracterizada como uma sociedade de consumo _ é uma sociedade que oferece para constituição do Ideal do Eu somente a possibilidade de idealizações sem consistência, que não trazem consigo nenhuma necessidade sublimatória. Vale ressaltar que acreditamos que as idealizações que constituem o Ideal do Eu podem ter sua origem num modelo identificatório histórico ou num modelo identificatório melancólico. Quando apoiada neste último, a idealização aponta para uma falta de consistência subjetiva...

Na sociedade de consumo, os objetos são oferecidos como ornamentos fundamentais para a construção de uma imagem ideal. Ao invés do sujeito vislumbrar um modelo que ele deseja 'ser' no futuro, ele passa a desejar o que ele precisa 'ter' para ser uma imagem. A composição do Ideal do Eu deixa de ser uma imagem que contém uma subjetividade, que contém valores, para passar a ser um mero ícone. Como se a imagem, com esses emblemas, falasse por si só (cf. Pinheiro, 2001).

Em recente artigo intitulado "Narcisismo, Sexualidade e Morte", Pinheiro (2001) ressalta que a infância e a adolescência são os momentos mais ricos das construções fantasmáticas, pois são elas que tecem o que se chama de subjetividade. O mercado de consumo voltado para essa faixa etária está voltado para a indústria do espetáculo, da produção de imagens com ou sem som colocando o consumidor na posição passiva de espectador ou de agente anônimo dos internautas e seus "chats". As meninas se vestem aos 8 anos como moças adultas e colecionam " Barbies" - bonecas que já nascem adultas e sem passado. Sendo assim, o mundo contemporâneo parece muito mais propício às subjetividades melancólicas do que às

históricas e, portanto, queremos apontar o quanto a sociedade de consumo proporciona poucas alternativas para as fantasias históricas.

Eliza Santa Roza (1997), em seu artigo “Narcisismo, Ideal do Eu, criança e televisão”, discute o papel da mídia na constituição subjetiva da pós-modernidade. A autora conclui que as crianças são levadas a identificações com personagens televisivos _ e talvez possamos tomá-los como exemplo de uma imagem fixa _ principalmente porque identificam-se com os adultos de seu ambiente, capturados por um Ideal do Eu proposto pelo discurso da mídia. Todavia, a mídia é um efeito de sentido de uma organização social que produz uma subjetividade.

Considerações Finais

Desde o texto de 1914, quando Freud decide abordar o Eu de forma mais sistematizada, podemos localizar a importância da construção das instâncias ideais na constituição do sujeito. Neste artigo, Freud concebe a subjetividade, “Sua majestade o bebê”, como uma invenção de dois adultos. Sendo assim, o sujeito tem de se apropriar de uma construção fantasmática _ um projeto narcísico que já lhe estava endereçado desde antes de seu nascimento _ para se constituir.

A passagem pelo Complexo de Édipo promove um encontro do sujeito com a castração. O Complexo de Édipo pode ser entendido como um momento lógico organizador, que impõe a necessidade da construção do Ideal do Eu a partir da interdição do incesto, que de forma radical aponta para as falhas do Eu Ideal, montado com uma enorme onipotência para fazer frente ao desamparo humano.

Como esse sujeito não está disposto a renunciar à sua perfeição narcisista, ao se deparar com seu julgamento crítico e com a própria realidade, procura recuperar tal perfeição sob a forma de um Ideal do Eu. Portanto, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque. Podemos dizer que o sujeito se equipa de um arsenal de Eus, as instâncias ideais, que lhe servem como condição mínima para se submeter à castração.

Desta forma, a partir da problemática introduzida pelo Édipo, a identificação alienante do Eu Ideal pode então ser substituída por traços de identificações diversas com outros sujeitos.

O tema da identificação, por sua vez, não é tão simples. E quando a identificação não deixa de ser alienante, no sentido de não permitir uma separação do objeto de amor? Isso nos remete ao estudo dos modelos de identificação em Freud. As identificações que Freud pensou a partir da histeria eram as identificações por traços, em que o objeto era interpretado. Ou seja, havia a pressuposição de uma possibilidade fantasmática que visa desvendar a subjetividade do outro, mas aceita o engano e a dúvida, isto é, aceita que algo possa escapar desta apropriação. No modelo melancólico a identificação é feita por apropriação do objeto como um todo (mimeticamente).

Levantamos a hipótese de o mundo contemporâneo parecer muito mais propício às subjetividades melancólicas que às históricas e, portanto, queremos apontar o quanto a sociedade de consumo proporciona poucas alternativas para as fantasias históricas.

Na nossa sociedade, os objetos _ que são de consumo, e não de investimento_ são oferecidos como ornamentos fundamentais para a construção de uma imagem ideal. Ao invés do sujeito vislumbrar um modelo que ele deseja ‘ser’ no futuro, ele passa a desejar o que ele precisa ‘ter’ para ser uma imagem. O Ideal do Eu deixa de ser uma imagem que contém uma subjetividade para passar a ser um mero ícone, uma imagem que não precisa de predicados.

A construção das instâncias ideais está sempre necessariamente recheada dos modelos da pré-história do sujeito. Mas esses modelos, que serão os adultos que se ocupam dessa criança, serão metabolizados no caldo fantasmático de cada um.

Para concluir este trabalho, achamos interessante fazer um breve resumo do que foi abordado, a fim de apontar o quanto as instâncias ideais estão implicadas na constituição do sujeito. Podemos perceber que o sujeito é inventado e convidado a se re-inventar a todo momento e esses movimentos só são possíveis mediante a construção dessas instâncias e a possibilidade de “jogar” com elas. Dessa forma, o sujeito é inserido na temporalidade e pode se apropriar de um projeto com a marca da historicidade.

Além disso, devemos ressaltar a importância de perceber como as instâncias ideais estão montadas nas diferentes formas de subjetividade e pensar como isso pode estar articulado ao tempo ao qual estamos nos referindo.

A partir da leitura de Birman (2001), podemos pensar que estatuto tem o desejo _ e sua dimensão singular_ nesse mundo pós-moderno, que valoriza o emblema, a estética, o padrão e o autocentramento no Eu da consciência. E é

com desejo que trabalhamos, é nele que devemos apostar. Por mais que a psicanálise esteja referida a um tempo, e não estamos mais na cultura romântica de Freud, o sujeito em questão é o sujeito do desejo, ainda que este se apresente como o sujeito da consciência. Se podemos falar em instâncias ideais, podemos falar em constituição de um sujeito mergulhado na relação com um outro e podemos falar em desejo, por mais que este tenha um outro “colorido”.

Referências Bibliográficas:

BIRMAN, J.- **“Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação”**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

CUNHA, E. – **“Imagem e Semelhança: metapsicologia da identificação”**. Dissertação submetida ao corpo docente do Instituto de Psicologia da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em teoria psicanalítica. Rio de Janeiro, 1992.

FERENCZI, S. (1912) - “O conceito de introjeção”- (181-184), **“Psicanálise I”** , São Paulo, Editora Martins Fontes, 1991.

FERENCZI, S. (1933) - "Confusão de língua entre os adultos e a criança " - (97-108), **“Psicanálise IV”**, São Paulo, Editora Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. (1905) – “Fragmento da Análise de um Caso de Histeria”, **“Sigmund Freud Obras Completas”**, Rio de Janeiro, Imago, Vol 7. 1996.

FREUD, S. (1905) – “Os Três Ensaios sobre a Sexualidade”, **“Sigmund Freud Obras Completas”**, Rio de Janeiro, Imago, Vol 7. 1996.

FREUD, S. (1910) – “Leonardo Da Vinci e uma Lembrança de sua Infância”, **“Sigmund Freud Obras Completas”**, Rio de Janeiro, Imago, Vol 11. 1996.

FREUD, S. (1913) – “Totem e Tabu” , **“Sigmund Freud Obras Completas”**, Rio de Janeiro, Imago, Vol 13. 1996.

FREUD, S. (1914) – “Sobre o narcisismo: uma introdução”, **“Sigmund Freud Obras Completas”**, Rio de Janeiro, Imago, Vol 14. 1996.

FREUD, S. (1917 [1915]) – “Luto e Melancolia” , Ibid.

FREUD, S. (1923) – “O Ego e o Id” , “**Sigmund Freud Obras Completas**”, Rio de Janeiro, Imago, Vol 19. 1996.

FREUD, S. (1930) – “O Mal-Estar na Civilização” , “**Sigmund Freud Obras Completas**”, Rio de Janeiro, Imago, Vol 21. 1996.

GARCIA-ROZA, L.A.- “**Artigos de Metapsicologia, 1914-1917:narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

KEHL, M. - “Masculino/ Feminino: o olhar da sedução”. In : “**O olhar**” (org. Novaes, A), Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1998.

LACAN, J. (1949) - “O estádio do espelho como formador da função do eu (tal como nos é revelada na experiência psicanalítica)” In: “**Escritos**”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar,1998.

LAMBOTTE, M.C. – “**Estética da Melancolia**”, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. – “**Dicionário de Psicanálise**”, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

LEMAIGRE, B – “Supereu”. In : “**Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**” (org. Kaufmann, P), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996

MEZAN, R. – “**Freud : a trama dos conceitos**”, Rio de Janeiro, Perspectiva, 1998.

PINHEIRO, M. T. – “Trauma e Melancolia” In: “**Percurso**”, ano VI, n.10, São Paulo, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae,1993

----- - “Algumas Considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia” In: “**Cadernos de Psicanálise**”, vol.12, n.15, Rio de Janeiro, S.P.C.R.J., 1995.

----- – “O estatuto do objeto na melancolia” In: “**Cultura da Ilusão**”, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998.

----- “Sublimação e Idealização na obra de Freud” In: : “**Cadernos de Psicanálise**”, vol.15, n.18, Rio de Janeiro, S.P.C.R.J., 1999.

----- “Em busca de uma metapsicologia da melancolia” In: “**Sobre a psicose**” (org. Birman, J.), Rio de Janeiro, Contracapa, 1999.

-----“Narcisismo, Sexualidade e Morte”. In: “**Adolescência: reflexões psicanalíticas**” (org. Cardoso, M), Rio de Janeiro, NAU Editora, FAPERJ, 2001.

PINHEIRO, M. T. & MARTINS, K - “O texto imagético: parnasianismo e experiência analítica” In: “**Formações teóricas da clínica**” (org. Lo Bianco, A.), Rio de Janeiro, Contracapa, 2001.

ROZA, E. - “Narcisismo, Ideal do Eu, criança e televisão”. In: Roza, E. & Reis, E. “**Da análise na infância ao infantil na análise**”, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1997.